

A CARTOGRAFIA COMO PESQUISA-IN(TER)VENÇÃO DO/NO PRESENTE: modos de/para pensar-fazer a formação docente

EDITORIAL

A complexa rede de relações que se articulam aos processos de subjetivação contemporâneos vêm demandando composições-outras em pesquisas(-intervenções) nos vários campos da atuação educacional. Essa constatação nos conduz a questionar os nossos próprios saberes-fazeres, nos interroga sobre o que estamos agenciando no campo da teoria-prática educacional e nos interpela sobre o que estamos fazendo de nós mesmos/as e dos/as outras (FOUCAULT, 1984/2001).

Assim, para acompanhar os fluxos e as políticas de definem ou intentam definir os modos como nos constituímos como sujeitos (in)viáveis e (im)possíveis pode nos ser bastante útil perceber os lances ético-epistemológicos e metodológicos que estamos agenciando em nossos cotidianos. Portanto, é o gesto ético-estético-político outro, do pesquisar que se constitui como escopo para este dossiê dedicado à formação docente e pesquisa em educação.

Nele, os autores e autoras apresentam outros modos de pensar-fazer pesquisa em educação e habitar a docência, com fluxos, elos e fios que demarcam as travessias, riscos e aventuras do ato de pesquisar, tomando a cartografia sob várias facetas, como episteme, como método, com dispositivo de análise, haja vista que, ao cartografarmos contribuimos para a abertura, conexões dos campos do conhecimento, sem planos de fechamento, que transcende a ho-

mogeinização em que temas são produzidos de modo rizomático. Como nos afirma Sueli Rolnik (2011), todas as entradas são boas, sem preconceitos, desde que as saídas sejam múltiplas e não nos amarre, de modo que experiencemos muitas e variadas fontes cujas matérias possam expressar sentidos, sendo literalmente antropófagos/as, fractando verdades fixas para expressar os afetos contemporâneos.

A cartografia e a pesquisa-intervenção se colocaram então como um convite, muito mais do que a adesão a um método. Afinal, cartografar é acompanhar a produção de territórios existenciais. E ao lançarmo-nos nesse gesto, estamos ao mesmo tempo produzindo novos planos de experimentação da vida; ou, minimamente, agenciando algum efeito na relação com os sujeitos e comunidades com quem entabulamos alguma conversa interessada, seja na direção dos efeitos que um determinado objeto ou relação social produz sobre nós mesmos/as, modificando-nos.

A cartografia, portanto, tem como um de seus possíveis, ampliar os traçados de problematização sobre “relações de naturezas diversas, formas circulantes de subjetividade, agenciamentos do desejo, práticas de objetivação e sujeição, modos de subjetivação e assujeitamento, práticas de resistência e de liberdade, ou mesmo formas históricas de estetização e produção de si mesmo.” (PRADO FILHO; TETI,

2013, p. 57). Cartografar é intervir – percorrer a vida entre-mundos e por eles ser afetado, assim que afetá-los.

Diante do exposto, podemos arriscar a afirmação de que nossos saberes-práticas acionados em pesquisa são desde sempre encarnados em sua dimensão social e cultural, e, por isso, constituem-se fundamentalmente como algo do plano das afecções (micro)políticas e da produção de sentidos. É preciso, portanto, considerar a pesquisa em seus termos contexto-dependentes (MEYER, 2014), como situadas entre-mundos. Nossos dados estão/são sujos (HARAWAY, 2009), são produções imundiçadas, platôs deste *in-mundo* em que vivemos, *in-mundas* in(ter)venções de um (im)possível (POCAHY, 2018), dizem e fazem falar o nosso tempo, o presente.

Cartografar pode ser também uma forma de nos permitirmos ser lidos-devorados por mundos-outros e em com suas artesãs cotidianas que se endereçam a nós, mesmo que não queiram dizer particularmente algo sobre nós e outros momentos não apenas querem dizer de nós como nos fazem dizer algo. Aqui estão a literatura, o cinema, os modos de vida, a arquitetura, a política pública, o currículo, a pesquisa... e a formação-prática docente - também essa compreendida como um plano de produção de cartografias e pesquisas-intervenções. Mas estamos aqui neste dossiê particularmente interessados/as nas artesãs docentes, nas cartografias da/na educação. Seguimos no rastro de Sandra Corazza (2009):

A artistagem docente expressa-se pela exploração de meios, realização de trajetos e de viagens, numa dimensão extensional. Dimensão, para a qual, não são suficientes os traços singulares dos implicados no trajeto, mas, ainda, a singularidade dos meios refletida naquele docente que o percorre: materiais, ruídos, acontecimentos. (p. 109)

Assim, muitas vezes, muito mais do que cartografar, somos cartografados/as por práticas ou pelos sujeitos com quem estabelecemos alguma interlocução de/na pesquisa e na formação docente. Neste sentido, não buscamos ou coletamos dados de pesquisa ou dispensamos um determinado conteúdo ou componente curricular, como se fossem objetos exteriores a nós. Ao contrário, acompanhamos a produção

de práticas-saberes-conhecimentos-afecções que nos permitem pensar o que estamos fazendo de nós mesmos/as, como podemos pensar desde as provocações/problematizações/cartografias de Foucault (1984/2001). O conhecimento é produzido em ato e constitui igualmente entradas de problematização sobre o presente, portanto, um gesto formativo é ele também um ato criador de currículo, um ato de currículo (MACEDO, 2013).

É, portanto, desde essa rede complexa dos processos de subjetivação que a pesquisa e a intervenção acompanham as apostas pós-críticas da pesquisa em educação. Tomaz Tadeu da Silva (1999) traz argumentos contundentes a esse respeito: a teoria não se limitaria a partir de agora a descobrir, descrever e/ou explicar a realidade (em todo caso, as realidades), ela estaria envolvida fortemente na produção dos objetos que descreve, daquilo sobre o que fala.

A reconfiguração dos espaços-tempos educativos e a emergência de novos sujeitos e tecnologias vêm pedindo passagem a novos modos de enunciação coletiva para a produção do conhecimento. Nesse sentido, a cartografia e a pesquisa-intervenção se articulam como princípios ético-epistemológicos úteis em muitas de nossas formas de pensar-praticar a pesquisa educacional de forma encarnada. A urgência de modos-outros de produzir teoria social acompanham os clamores e as insurgências que pedem passagem com a afirmação de novos mundos e novas formas de habitar e produzir o presente. Como afirmam Rocha & Aguiar (2003):

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma “atitude de pesquisa” que irá radicalizar a ideia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento”(p.67)

Em consonância com o argumento das autoras (op. Cit.), sugerimos que em sua dimensão relativa, singular, imprecisa, indefinível, complexa, insurgente, agonística, o social requer a afirmação de gestos outros em pesquisa e na formação docente. Portanto, apostamos com este dossiê em experimentações em pesquisa que dialogam com os princípios ético-estéticos e epistemológicos engendrados ou inspirados na cartografia como pesquisa-intervenção. Conforme argumentamos em outra ocasião (POCAHY, 2006, p. 23): “[...] pesquisa-intervenção como posição in(ter)ventiva para problematizar a produção do conhecimento. [...] perspectiva inspirada em uma tendência subversiva na academia que luta para sustentar que é ao transformar que (também) conhecemos”.

Este dossiê é composto de 10 artigos, uma entrevista e uma resenha, dispostos nessa ordem. Nesse conjunto estão reunidas experimentações em/de pesquisa que assumem, cada uma ao seu modo e dentro dos seus (im)possíveis, um gesto de pensar-praticar a pesquisa na/com a formação docente. Nem todos os manuscritos nessa coletânea operam diretamente as ferramentas dispostas nas diferentes expressões e usos da cartografia ou da pesquisa-intervenção, como ela pode ser acompanhada desde o rastro deleuziano; e não poderia ser diferente, pois os pontos de convergência e divergência aqui cultivados enriquecem o dossiê e lançam aos/às leitores/as pistas de desassossegos. É, pois, a afirmação de uma potência epistemológica que assume os riscos do presente, é a marca destes ensaios e resultados de pesquisa. O gesto político-epistemológico que se acompanha nos rastros das pesquisas que lhes apresentamos indica a singularidade de modos de perceber-afectar-se pelo presente da formação docente. Arriscamos, inclusive, rubricar este gesto como uma cartografia da (des)formação, no sentido em que ao assumir princípios ético-estéticos-epistemológicos com alguma dissidência aos cânones da pesquisa e da formação (alguns deles assombrados por meta-narrativas), estaríamos (todos/as nós neste dossiê), arriscando um plano outro de enunciar coletivamente a potência de vida em tempos de tanto ódio à diferença e à experiência do processo democrático.

O primeiro artigo deste dossiê denomina-se *Diálogos artísticos no fomento à leitura literária: cartogra-*

fias das práticas de letramento e formação leitora na oficina “literatura e outras artes”, através de Luciano Santos Xavier, Mylena Cerqueira da Silva, Ivânia Silva Mota Araujo e Antenor Rita Gomes apostam em formas de compreensão do eu e do mundo através da literatura. Apoiados nessa prática de ler o mundo, assim como outras linguagens artísticas o fazem, sugerem a possibilidade de uma formação mais plural, alargando o espectro escolar. Na direção de um híbrido dentro-fora da escola, o autor e as autoras relatam a experiência da oficina Literatura e Outras Artes, realizada na Casa Santa Luzia, em Jacobina, Estado da Bahia. Essa produção é associada ao componente curricular Estágio Supervisionado e através de movimentos cartográficos as/os pesquisadoras/es concluem a relevância do trato da literatura com outras artes como processo formativo, assim como prática-gesto capaz de acompanhar as vivências e experiências dos/das interlocutores no encontro com a arte.

O segundo artigo, *Questões de gênero nas práticas pedagógicas dos professores/as: devires cartográficos*, é assinado por Lucemberg de Oliveira e Tereza Cristina Pereira de Carvalho Fagundes. O texto é resultado de pesquisa que busca articular problematizações sobre práticas pedagógicas e formação docente, a partir da interrogação sobre as relações de gênero no cotidiano escolar. Notadamente interessam-se em responder como esse marcador da diferença incide e é produzido desde as práticas de professoras/res. A cartografia é tomada pelos/as autores/as em sua potência pós-crítica, especialmente ao questionar sobre a efetiva conexão da experiência curricular com as demandas contemporâneas e a provisoriidade com que se definem as apostas para o ensino e para a aprendizagem. O trabalho reafirma a perseverança de modelos hierárquicas e normativas no cotidiano, acompanhando problematizações sobre heteronormatividade.

Laís Oliveira Abreu, Ana Lúcia Gomes da Silva e Daniela Auad discutem em *Enfrentamento da violência sexual infantil no território escolar: cartografias iniciais um dos principais desafios para a sociedade brasileira*, o forte impacto da violência sexual e de gênero nos cotidianos escolares. As autoras recorrem à cartografia como princípio metodológico em

articulação com as teorizações feministas, permitindo ao estudo importantes retratos e análises sobre a produção bibliográfica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES durante os anos 2007-2018. Os resultados do estudo apontam que o tema vem sendo abordado em distintas áreas, em especial a saúde, porém de forma muito reduzida e, talvez, negligente, no campo educacional. Os estudos mapeados na revisão cartográfica indicam muitas dificuldades para a abordagem da questão nas escolas e sugerem a urgência da produção de pesquisas que repercutam os compromissos da instituição escolar com os direitos e a proteção social de crianças e adolescentes. O trabalho convoca o compromisso da pesquisa e da formação docente para o enfrentamento da violência sexual impetrada a meninas e meninos, destacando os efeitos da heteronormatividade e sexismo.

O quarto artigo, assinado por Rogério Rodrigues, movimenta-se em *Apontamentos críticos referentes à cartografia sobre a compreensão em ser professor de verdade a partir de Jacques Rancière*. Os argumentos do autor colocam sob suspensão o conceito de *ser professor*, interpelação atribuída ao que denomina hegemonia do ensino instrumental. O texto apresenta-se como ensaio crítico no interior da Filosofia da Educação, apoiado nas contribuições de Rancière, notadamente com a figura/conceito do mestre ignorante e sua potencialidade para pensar a docência contemporânea. A aposta principal do trabalho é acompanhar práticas sociais educativas na direção de interrogá-las sobre as concepções de mundo que acionam e os seus efeitos na desafeção para certa sensibilidade da vida coletiva e, conseqüentemente, nos termos da cidadania. Nos termos do autor, a passagem para a posição professor não deveria ocorrer na polaridade entre os/as que sabem e aqueles/as que não sabem. Ele ainda sugere a produção de movimentos que possam proporcionar a experiência vivida em relação mais horizontal, como plano de fuga face aos modelos educacionais alienantes.

Em *La alimentación imaginada: divergencias en las cartografías de la seguridad alimentaria de las comunidades indígenas del municipio de Mitú, Vaupés, Colombia*, Stephany Giovanna Paipilla Fernández e Nataly Morales Camelo apontam os índices de (in) segurança alimentar no noroeste da Amazônia co-

lombiana. Os dados informam o impacto sobre comunidades indígenas, ao que denominam uma cartografia da fome em contextos de fronteira espacial e de diversidade cultural, permitindo aos leitores/as brasileiros/as uma produtiva homologia com os programas de segurança alimentar e sua relação com a escola. O trabalho, porém, não analisa programas de segurança alimentar, adiantam-se as autoras. O que intentam é acionar um plano cartográfico que apresenta as representações e práticas alimentares indígenas em divergência com estabelecidos pelas linhas molares das orientações estatais em seu cruzamento com os planos moleculares da diversidade e singularidade das culturas indígenas.

Clézio Santos apresenta em *Os fanzines da baixada fluminense no ensino de geografia como recurso didático: narrativas e grafias dos bairros, experiências docentes no ensino de geografia*, a partir de oficinas ofertadas a profissionais do ensino básico. Os/as interlocutores privilegiados/as na pesquisa-intervenção são estudantes dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia da UFRRJ. A partir do artefato fanzine o pesquisador analisa como esses/as professores/as em formação utilizaram de diferentes linguagens gráficas para compor o artefato e significar o lugar – o lócus geográfico. O ponto de conexão para a composição dos zines foi a história dos bairros da Baixada Fluminense. Com isso o pesquisador amplia a referência de recurso didático, permitindo a conexão de outras cartografias sobre o lugar e como os sujeitos habitam o presente, oferecendo assim novos horizontes para o ensino-pesquisa de Geografia na educação básica, mas também na experiência de formação docente.

Graciele Mendes de Carvalho e Zuleide Paiva da Silva assinam o sétimo artigo de nosso dossiê. Em *Práticas pedagógicas na Educação Infantil (EI) na perspectiva de gênero: mapas em aberto*. As pesquisadoras acionam uma cartografia da produção de pesquisas sobre EI em Programas de Pós-Graduação. Para isso recorrem ao Banco de Dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia a partir dos descritores gênero, educação infantil, prática pedagógica, com recorte temporal de 2008-2018. As autoras selecionam 8 trabalhos e localizam os contextos e período de maior incidência na produção dessas

pesquisas. Segundo as autoras, os estudos são recorrentes ao afirmar que professoras/es sentem dificuldade em manejar situações mais explícitas sobre as relações sociais de gênero entre as crianças. A cartografia dessas produções indicou ainda que as concepções sobre a temática e as práticas pedagógicas perpassam uma visão binária, essencialista e heteronormativa sobre as identidades sexuais e de gênero.

Felipe da Silva Pontes de Carvalho e Fernando Pochay apresentam-nos *Cartografias Ciberulturais da Formação Docente: Experimentações autorais da disciplina de Educação Estética*. O estudo toma como ponto de partida o argumento de que a cibercultura vem promovendo novos modos e formas de habitar a contemporaneidade. Neste sentido, atribuem aos arranjos acionados no ciberespaço-tempo do presente caráter formativo, especialmente ao agenciar novas (dis)posições de sujeito. A pesquisa articula na afirmação desta proposição um plano de experimentações formativas na disciplina de Educação Estética, componente curricular do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para atingir seus objetivos (de problematização), propôs aos/às estudantes a produção de publicações on line - por meio do aplicativo de anotações do *Facebook* - sobre movimentos que poderiam estar articulados à auto-produção ético-estético-políticas de si mesmos/as, considerando a relação inexorável com o/a outro/a. A partir dessa proposição, surgiram várias publicações sobre experiências de múltiplas intersecções (gênero, sexualidade, raça, classe, localidade, escolaridade), nas quais os/as estudantes foram convidados/as à experiência (parresiasta) do “dizer a verdade” sobre si mesmos e desde sua relação com os/as outros/as deste espaço (público) – experimentação de um traçado de liberdade ética-estética-política em suas autorias, parrhasianas e interseccionais (no cruzamento entre marcadores sociais da diferença).

Em *A Qualidade Política da Territorialidade nos Serviços de Transporte de Passageiros: uma proposta de pesquisa com os cotidianos*, Joselito Manoel de Jesus busca refletir sobre práticas de territorialidade e consumo, a partir de inflexões epistemológicas com os estudos cotidianistas. Para tal, e desde essa perspectiva, o autor aciona a ideia/noção de que é qualidade política para questionar alguns pressupostos

que estão subjacentes à produção da territorialidade num caso específico de serviços de transportes na cidade de Jacobina, Bahia, no Piemonte da Diamantina. Uma das apostas no estudo em tela é o que se pode denominar de vãos da vigilância permanente, entre os quais, as forças se agrupam inesperadamente para exercer territorialidades necessárias, as quais, podem ser balizadas por uma disposição ética mais ampla que aquela imposta pelos regimes do traçado da cidade sugeridos ou apresentados pelas rotas comerciais.

Pesquisa-formação fenomenológica hermenêutica “heideggeriana”: (auto)cartografias de professores em navegação ao autocuidado fecha(reabre) o conjunto de artigos deste dossiê. Neste texto, Clara Maria Miranda de Sousa e Marcelo Silva de Souza Ribeiro discutem aspectos da Pesquisa-Formação Fenomenológica Hermenêutica “Heideggeriana” nos termos do que denominam argumento de cunho metodológico qualitativo-implicado. A autora e o autor buscam a experiência da reflexão sobre si, a partir do interlocutor teórico, como modo de enfatizar a pertinência (auto)cartográfica num processo formativo sobre o cuidado de si. Apoiando-se em perspectiva multirreferencial, o artigo adota uma linguagem metafórica relacionada à navegação, reunindo a bordo contribuições de vários/as autores. Afirmam (ela e ele): os instrumentos de navegação, que marcam e registram percursos, condições e estad”os, foram denominados “(auto)Cartografia na formação: mapas de si” e foram constituídos por: diários reflexivos, que contribuíram para os registros da (auto)reflexão; e as escritas de si mesmo e das práticas, que serviram como uma (ins)crita criativa, envolvendo a prática enquanto ser-no-mundo”. Destaca-se ainda na contribuição para o dossiê o argumento de que a “(auto)cartografia por tripulantes-professores indica que a formação é deveras lugar de autocuidado, afetando o encontro de si e do outro, provocando preocupação, inquietude e senso de entrosamento para com suas ações e as da coletividade”.

(Entre)vistas e olhares caleidoscópicos: a cartografia social na formação de professores/as é assinado por Emanuela Oliveira Carvalho Dourado e Edilania de Paiva Silva e nele as autoras enunciam a cartografia social como uma estratégia metodológica de

várias abordagens científicas. As autoras destacam o caráter disruptivo e instaurador de novos modos de fazer pesquisa em uma nova concepção de ciência. Articuladas ao campo das teorizações pós-críticas e pós-estruturalistas em educação, tecem uma conversa de pesquisa com a professora Inez Carvalho. Nesta entrevista, as pesquisadoras destacam as pistas oferecidas por Carvalho, sobretudo na afirmação dos princípios éticos-estéticos e políticos que mobilizam ou agenciam os gestos da pesquisadora-cartógrafa na sua relação participante e afeccionada com os objetos e práticas cartografadas. Destaca-se nesta interlocução a proposta da pesquisa-intervenção - pesquisa-formação. As pesquisadoras destacam assim, que o gesto cartográfico se configura como um modo de produzir conhecimento e intervir numa dada realidade.

A resenha *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* compõe o dossiê com Daniela Lopes Oliveira Dourado e Cinara Barbosa de Oliveira Moraes. As autoras reflexionam sobre a obra organizada por Eduardo Passos, Virgínia Katrup e Liliana da Escóssia, publicada em 2015 pela Editora Sulina de Porto Alegre, comentando criticamente a emergência e impacto de Gilles Deleuze

e Félix Guattari a partir da obra *Os Mil Platôs* publicada em 1995. *Mil Platôs* destaca-se como um dos fios que tecem a ampla rede de trabalhos reunidos pelos/as pesquisadores/as da Universidade Federal Fluminense nessa obra coletiva e um dos referentes para o trabalho com a cartografia.

Com esse último manuscrito estabelecemos uma pausa em nossa viagem por rotas cartográficas com educadoras/es-pesquisadores/as-cartógrafos/as de várias regiões do país. Este encontro nos permite sugerir, por fim, e em interlocução com Suely Rolnik (uma das principais cartógrafas da obra de Deleuze e Guattari no Brasil): que cartografar a produção de pesquisa é acompanhar os agenciamentos e as políticas de afecção que nos constituem (ROLNIK, 2011). Portanto, mais do que lhes desejar boa leitura, estimamos um bom e potente encontro, uma leitura também cartográfica e o que lhes propomos, acompanhando-nos neste (im)possível que pudemos compor pelo instante, em um momento onde certas formas de produzir o mundo e habitar o presente pedem outras apostas ético-estético-políticas, cuidados e cartografias-outras. Afinal, nossos temas de pesquisas entrelaçam pesquisa e vida.

Fernando Altair Pocahy – UERJ

Ana Lúcia Gomes da Silva - UNEB

Emanuela Oliveira Carvalho Dourado – UNEB

ORCID IDS

Pocahy F - <https://orcid.org/0000-0002-7884-4647>

Silva ALG - <https://orcid.org/0000-0002-3880-3322>

Dourado EOC - <http://orcid.org/0000-0002-4083-235X>